

**AS NOÇÕES DA CATEGORIA “SUJEITO” NA FILOSOFIA DA  
LINGUAGEM: UMA REFLEXÃO DOS SEUS DESLOCAMENTOS AO  
LONGO DA HISTÓRIA**

**THE NOTIONS OF THE “SUBJECT” CATEGORY IN THE PHILOSOPHY  
OF LANGUAGE: A REFLECTION ON ITS SHIFTS THROUGHOUT  
HISTORY**

**LAS NOCIONES DE LA CATEGORÍA “SUJETO” EN LA FILOSOFÍA DEL  
LENGUAJE: UNA REFLEXIÓN SOBRE SUS CAMBIOS A LO LARGO DE  
LA HISTORIA**

André Felipe Ribeiro<sup>1</sup>  
Monica Fontenelle Carneiro<sup>2</sup>

**RESUMO**

As ideias e estudos sobre o sujeito como categoria, não somente linguística, mas também filosófica, sofreram deslocamentos que se desdobraram ao longo do desenvolvimento epistemológico e social da visão do homem de si e do outro, numa relação de alteridade. Partindo desse olhar, este trabalho pretende discutir as noções da categoria sujeito ao longo da história, tomando por “linguístico” tudo que é referente à língua/linguagem. Dessa forma, é necessária uma abordagem para antes da consideração da Linguística como Ciência; ou seja, um olhar para a noção dessa categoria antes dos escritos do francês Ferdinand de Saussure. Para tanto, foram discutidos momentos da história e pensadores, considerando também o caráter descontínuo desses “marcos históricos” e não limitados a datas, iniciando pela noção de sujeito na Grécia antiga, avançando para o período conhecidos como Idade Média para, finalmente, chegar ao sujeito moderno, discutindo as visões de Bakhtin (1992), Benveniste (1991), Althusser (1992), Michel Pêcheux (1995), Lacan (2009) e Michel Foucault (2008) para que o leitor possa construir um panorama de como a noção sobre o sujeito vem mudando da era Clássica até a modernidade e como, de alguma maneira, essas ideias entrelaçam-se. Por fim, reflete-se aqui que as noções sobre a categoria sujeito desenvolveram-se num deslocamento de uma noção centrada na relação do indivíduo consigo mesmo e com o social para uma relação do social para o indivíduo, de modo que o indivíduo ganha um esvaziamento a ser ocupado por diferentes formações discursivo-ideológicas funcionantes; sendo, desta maneira, um lugar-reflexo do funcionamento discursivo, que pode ser ocupado por diferentes indivíduos, a mais coerente com os estudos desenvolvidos mais modernamente nos quais não há mais o interesse anterior de tomar o sujeito como originário.

**Palavras-chave:** Sujeito; história; noção; linguagem, filosofia.

**ABSTRACT**

---

<sup>1</sup> Mestrado em Letras pela Universidade Federal do Maranhão (PPGLB/UFMA). E-mail: letras.andrefelipe@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e docente do quadro efetivo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: monicafcarneiro@gmail.com.



Ideas and studies about the subject as a category, not only linguistically but also philosophically, underwent shifts that unfolded along the epistemological and social development of man's view of himself and the other, in a relation of otherness. Based on this point of view, this paper intends to discuss the notions of the subject category throughout history, taking as “linguistic” everything that is related to language. Thus, an approach is necessary before considering Linguistics as a Science; that is, a look at the notion of this category before the writings of Ferdinand de Saussure. To this end, moments in history and thinkers were discussed, also considering the discontinuous nature of these “historic milestones” and not limited to dates, starting with the notion of the subject in ancient Greece, advancing to the period known as the Middle Ages, to finally reach the modern subject, discussing the views of Bakhtin (1992), Benveniste (1991), Althusser (1992), Michel Pêcheux (1995), Lacan (2009) and Michel Foucault (2008) so that the reader can build an overview of how the notion of the subject has been changing from the Classical era to modernity and how, somehow, these ideas intertwine. Finally, it is reflected here that the notions of the category ‘subject’ have developed in a shift from a notion centered on the individual's relationship with himself and with the social to a social relationship towards the individual, so that the individual gains an emptying to be occupied by different functional discursive-ideological formations; being, in this way, a reflexion-place of the discursive functioning, which can be occupied by different individuals, the most coherent idea with the studies developed more modernly in which there is no longer the previous interest of taking the subject as original.

**Keywords:** Subject; history; notion; language; philosophy.

## RESUMEN

Las ideas y los estudios sobre el sujeto como categoría, no solamente lingüística sino también filosófica, sufrieron cambios que se desdoblaron a lo largo del desarrollo epistemológico y social de la mirada del hombre sobre sí mismo y del otro, en una relación de alteridad. A partir de ese punto de vista, este trabajo tiene por objetivo discutir las nociones de la categoría ‘sujeto’ a lo largo de la historia, tomando como “lingüística” todo lo que se refiere a la lengua/lenguaje. De esta manera, es necesario un abordaje de esa categoría de antes de las consideraciones de la Lingüística como ciencia; o sea, una mirada a la noción de esta categoría antes de los escritos del francés Ferdinand de Saussure. Para ello, se discutieron momentos de la historia y pensadores, considerando también el carácter discontinuo de estos “hitos históricos” y no limitados a fechas, partiendo de la noción de sujeto en la Grecia Antigua, avanzando hasta el período conocido como Edad Media, hasta finalmente llegar al sujeto moderno, discutiendo los puntos de vista de Bakhtin (1992), Benveniste (1991), Althusser (1992), Michel Pêcheux (1995), Lacan (2009) y Michel Foucault (2008) para que el lector pueda construir un panorama de cómo la noción acerca del sujeto ha ido cambiando desde la era Clásica hasta la modernidad y cómo, de alguna manera, esas ideas se entrelazan. Finalmente, se refleja aquí que las nociones sobre la categoría sujeto se han desarrollado en un movimiento de una noción centrada en la relación del individuo consigo mismo y con lo social hacia una relación social para el individuo, de manera que el individuo gana un vaciamiento para ser ocupado por distintas formaciones discursivo-ideológicas que funcionan; siendo, de este modo, un “lugar reflejo” del funcionamiento discursivo, que puede ser ocupado por diferentes individuos, la noción más coherente con los estudios desarrollados más modernamente sobre los cuales ya no existe el interés anterior de considerar el sujeto como originario.

**Palabras clave:** Sujeto; historia; noción; lenguaje; filosofía.

## INTRODUÇÃO



Ao pensarmos nas relações humanas, inevitavelmente construídas na e pela linguagem, somos lançados em um mundo de reflexões e refrações no qual percebemos que tentamos, constantemente e na medida do que construímos desde que nascemos, colocar-nos enquanto ser minimamente autônomo nesse mundo, um mundo de espelhos que nos constitui enquanto humanos.

Ao dizer que construímos desde o nascimento, acaba soando um tanto contraditório, haja vista que, nesse mundo de espelhos, somos reflexo distorcido dos outros, já que não podemos entender-nos enquanto princípio (do dizer, especialmente). Entretanto, ainda guarda coerência na medida em que esse reflexo não é exatamente a mesma forma da luz que nos é incendiada, tal como um espelho, que não reflete uma dada imagem de modo real, mas virtual.

Em outras palavras: assim como a imagem de um objeto real é refletida por um espelho de modo virtual, refletimos na, pela e sobre a linguagem, uma imagem virtual do que dizemos ser. E nessa relação, não guardamos qualquer laço com o objeto real: somos espelhos, ou seja, nós refletimos e refratamos na linguagem. Refletimos, no sentido de que muitos discursos perpassam-nos historicamente e são, inevitavelmente, repetidos. Refratamos, uma vez que a repetição desses discursos é atualizada, revista, passa pelo domínio da ideologia e nos é internalizada pelo processo de identificação. É a parte que nos cabe, de alguma maneira, à construção mencionada e que pode ser explicitada a cada momento histórico das subjetividades (re)criadas na linguagem.

Porém, o que nos interessa nesse mundo de espelhos do qual somos parte? Certamente, não é solucionar o insolucionável contraditório sobre em que medida construímos e reconstruímos desde o nascimento, falado anteriormente. É do nosso interesse saber o que nos faz, nesse mundo de refrações e reflexões da linguagem, dizer e ter certa “propriedade” do que dizemos. A instância do sujeito pode ser entendida, portanto, como a instância que marca o nosso lugar na linguagem. O lugar do “poder-dizer” que é único do sujeito, marcado pelo seu “eu” e que é intransferível, apesar de atravessado por inúmeros discursos que o formam na sua subjetividade.

Mas, afinal, o que o sujeito diz sobre si, sobre o outro e sobre o mundo? Pretendemos aqui discutir sobre essas noções de sujeito nos estudos sobre a linguagem em diferentes pensadores de contextos sócio-históricos distintos e que pensam sobre a figura do sujeito nesses contextos para conseguir pistas do que foi o sujeito em diferentes momentos, a saber: Sócrates e Platão na Grécia antiga do medievo, Savian



Filho (2015) e Alain de Libera (2008) sobre Tomás de Aquino e Santo Agostinho na idade média, Neusser (2011) sobre o período renascentista e, por fim, a visão mais contemporânea de sujeito para Bakhtin (2006), Benveniste (1991), Althusser (1992), Michel Pêcheux (1995), Lacan (2009) e Michel Foucault (2008).

É necessário, à priori, entender que o percurso proposto sobre a noção de sujeito aqui não tenta dar conta de todos os contextos históricos e todas as diferentes perspectivas que possam existir sobre essa noção em cada contexto. É um olhar reduzido e resumido das principais ideias que, historicamente, surgiram sobre a categoria sujeito e que foram base para os estudos sobre a Linguagem e; portanto, um recorte sócio-histórico da categoria sujeito nos contextos supracitados.

Assim, mais uma vez, é do nosso interesse teórico visualizar os diferentes sujeitos refletidos em momentos históricos distintos a partir das relações humanas na linguagem. Para tanto, iniciaremos abordando uma noção clássica de sujeito, destacando o olhar de Platão, que dá voz a Sócrates nos seus diálogos. Logo depois, falaremos do sujeito medieval a partir das considerações do historiador francês Alain de Libera. Em seguida, avançaremos para a ideia de sujeito no renascimento e o seu rompimento com a ideia do sujeito medieval. Por fim, abordaremos a teorização de sujeito na contemporaneidade, dando voz às perspectivas de Bakhtin (1992), Benveniste (1991), Althusser (1992), Michel Pêcheux (1995), Lacan (2009) e Michel Foucault (2008).

## **A NOÇÃO DE SUJEITO PARA A ANTIGUIDADE GREGA: A NOÇÃO DE SUJEITO DE SÓCRATES POR PLATÃO**

Sócrates, sendo conhecido por seus alunos, especialmente pelos diálogos de Platão, indaga-nos com a noção de sujeito moral. Mas, o que seria esse sujeito moral? As questões socráticas aos atenienses eram constantes no sentido de entender o que é moral e virtude. Se o conceito de sujeito moral fosse agir em conformidade com virtudes e com o bem, então o que seriam as virtudes? O que seria o bem?

Esses insaciáveis questionamentos tinham como objetivo fazer refletir sobre o sentido de valores e de moral, não só individualmente, mas também socialmente (MEDEIROS, 2021), com a intenção de encontrar um ponto de partida para as questões morais que, para Sócrates, seria a própria consciência do sujeito. Segundo Reale e Antisseri (2007), esse fundamento:

[...] consiste na própria natureza ou essência do homem. À diferença dos Sofistas, Sócrates chega a estas conclusões: o homem é a sua alma. E por alma ele entendia a consciência, a personalidade intelectual e moral (REALE; ANTISERI, 2007, p. 91).

Assim, o sujeito é pensado sob a óptica da moralidade, de seus valores e suas virtudes, que devem levar à reflexão sobre a origem de tais valores e virtudes, consideradas para a formação do sujeito enquanto moral. Isso não é, como já dito, uma construção apenas individual, mas também social, o que também leva à reflexão socrática de quais valores e virtudes estão sendo tomados de acordo com cada sociedade.

O sujeito moral socrático alcança e pratica o bem porque o conhece. Entretanto, Sócrates foi bastante questionado se o bem pode ser ensinado. Voltado muito para a introspecção, para o autoconhecimento de si, como o sujeito moral chega ao bem? Em diálogo com Ménon, Sócrates reflete que “a dificuldade de discutir a questão de se a virtude pode ser ensinada sem desvelar, antes, o que é a virtude (86d), o que o faz discutir hipoteticamente (...) o caso” (HOBUSS, 2014, p. 87).

Dessa maneira, para Sócrates, o homem procura sempre fazer o bem por natureza e conhece o bem, pois se conhece. Logo, sabe que não existem mestres da virtude (HOBUSS, 2014, p. 87-88) capazes de ensiná-lo o bem, conceito que Sócrates não explicita, pois, demonstra conhecimento da sua ignorância, “sei que nada sei”, e procura encontrar um sentido que seja universalmente aceito como bem, que valesse para todos os sujeitos, opostamente ao que pensavam os sofistas, que não concebiam que existisse uma verdade universalmente válida.

O sujeito moral socrático também guarda o sentido de virtude como sendo o próprio conhecimento e sabedoria, é chamado de intelectualismo socrático, que:

[...] entende cada uma das virtudes como formas de conhecimento que levam o indivíduo a entender de que modo devem agir nas diferentes circunstâncias, não qualquer conhecimento, mas um conhecimento enraizado na alma, ou seja, que faz da alma o que ela é. (HOBUSS, 2014, p. 86).

Portanto, a moralidade é central para o sujeito que preza pelo bem e o pratica, reconhece sua ignorância na busca do conhecimento, da própria ciência que é traduzida como o que “salva” o homem da sua própria ignorância e encontra, também em si, o mais justo e benigno ser.

Nesse sentido, Santos (2005) reflete sobre sujeito epistêmico no contexto dos



diálogos platônicos da República e do Crátilo, em que diz que:

Na República VI 508E-509b e no Crátilo 440b, Sócrates refere-se a “cognoscentes”, “cognoscíveis”, a “visíveis” [...]. Manifesta-se aqui um sujeito epistémico a comandar a cognição. Todavia, como ambos os contextos deixam bem claro que essa função é atribuída à alma, trata-se de um sujeito transcendentalmente entendido, ao qual cabe a função arquetípica de contactar com o inteligível” (SANTOS, 2005, p. 81)

Esse sujeito, segundo o autor, refere-se, não somente à figura do corpo, mas também da alma. É a clássica ideia de “substância” mais próxima, ainda segundo ele, ao sentido de “espírito”, “mente”, “entendimento” e “razão” desenvolvido na modernidade. Essa ideia de sujeito guarda, como veremos, pontos de dissonância em relação à contemporânea, porém, parte dela e tem reverberações distintas na modernidade, especialmente no sentido oposto que será aqui destacado.

### **A NOÇÃO DE SUJEITO MEDIEVAL: TOMÁS DE AQUINO E O PRINCÍPIO DO SUJEITO AGENTE NA VISÃO DE ALAIN DE LIBERA**

A noção da categoria sujeito no período medieval pode ser a mais obscura pelo motivo do estereótipo desse período da História. Sob o pensar a Idade Média e tudo que fora desenvolvido no período persistiu, e ainda persiste, uma ligação fundamental com o aspecto religioso, em um momento histórico que tudo era perpassado pelos julgamentos e sanções da igreja.

Não é bem assim, no entanto, que Alain de Libera (2008) vai tratar a questão do sujeito nesse período. Savian Filho (2015), sobre essa perspectiva na obra *Archéologie du Sujet* de De Libera, que tenta remontar a história do sujeito, reporta que o autor costuma dizer que:

[...] na historiografia filosófica dos últimos três séculos, a contribuição da Idade Média é extremamente mal avaliada, sobretudo no tocante à “questão do sujeito”. Seu interesse, todavia, não é apologético-religioso, como muitas vezes ocorre com estudiosos do pensamento medieval<sup>6</sup>; pretende somente esclarecer o erro histórico-filosófico<sup>7</sup> que, a seu ver, está na crença desenvolvida desde o século XVII e que interfere negativamente em debates atuais, não apenas de ordem historiográfica, mas também filosófica e cultural de forma geral. (SAVIAN FILHO, 2008, p. 179)

Interessa-nos, portanto, a partir dessa proposição de De Libera, entender como conceber o sujeito medievo sem nos vermos dentro desse reflexo religioso que a época



impunha, apesar de não o negar por completo, ao modo que De Libera reflete sobre tal questão. Para tanto, falemos de dois personagens relevantes do período e suas contribuições para a noção de sujeito: Tomás de Aquino, numa releitura de Agostino de Hipona.

Segundo Savian Filho (2015), De Libera passa por Agostinho para chegar a Tomás de Aquino<sup>3</sup>, pois, foi a partir dele que chega a concepção de sujeito como agente e como suporte. Ao negar o atributivismo, assim nomeado por De Libera (2008) o pensamento sobre a mente dentro de um corpo, ou seja, um corpo que pensa, colocando a mente como um atributo do corpo. Sobre o sujeito agente do conhecimento pensado por Aquino, Savian Filho (2015) diz que:

[...] Com efeito, já pela refutação do averroísmo, o dominicano merece ser visto como momento essencial da história da subjetividade. Porém, em contraponto com a miopia da historiografia filosófica dominante, vale ressaltar outra de suas proezas teóricas, a de ter inserido, na esfera do mental, a noção de sujeito psíquico que Agostinho se esforçara por descartar. Numa palavra, Tomás de Aquino, no mesmo campo aberto por Agostinho, fez surgir a ideia de sujeito agente do conhecimento: o homem, ou, antes, o homem com/pela sua alma. O texto-base investigado por Alain de Libera é o artigo 5 da questão 77 da Prima Pars da *Suma de teologia*. A primeira formulação de Tomás, nesse texto, consiste em enfatizar que, se a alma mostra ter potências (faculdades), essas potências devem estar na alma como em um sujeito (suporte), pois, assim como se diz que o corpo é o sujeito das potências corporais, também faz sentido dizer que a alma é o sujeito das potências da alma; ademais, mesmo naquelas operações que são atribuídas conjuntamente ao corpo e à alma (as funções da sensação), é em função da alma que elas são atribuídas ao corpo, porque, conforme Aristóteles, em *De anima* 2, 414a12-14, a alma é, a título primeiro, aquilo pelo que sentimos, de sorte que os princípios próprios das operações da alma, mesmo nos casos de ativação do corpo, são suas potências; e essas potências devem estar nela. [...] (SAVIAN FILHO, 2015, p. 190)

Precisamos apontar que averroísmo, segundo os estudos de De Libera, é a concepção de que o pensamento é impessoal e aparece na obra do francês pelo fato de esta ter como base a crítica da aproximação entre Aristóteles e Descartes, legando ao pai da filosofia moderna a criação da noção de sujeito, tese que é refutada pelos estudos De Libera. Assim, De Libera coloca os filósofos dominicanos numa posição

---

<sup>3</sup> E também chega a Pedro de João Olivi (SAVIAN FILHO, p. 175, 2015) não mencionada aqui.



de contribuição para ideia de sujeito agente<sup>4</sup> e prova, a partir de uma análise histórica das obras dos filósofos do medievo, a reminiscência da ideia de sujeito agente da modernidade que é tradicionalmente atribuída apenas a Descartes.

Com efeito, esse estudo feito por De Libera mostra-nos que, na construção a noção de sujeito do medievo para a idade moderna, há contribuições e pensamentos do período medieval a serem considerados para essa transição e que, portanto, tal mudança de perspectiva não acontece na forma de uma cisão repentina, mas de deslocamento gradual de reflexões filosóficas e epistemológicas.

## O SUJEITO RENASCENTISTA: PELOS MEANDROS DO INDIVÍDUO

O renascimento é conhecido como o período histórico logo após o que chamamos de idade média e anterior ao que chamamos de idade moderna. A divisão em eras históricas não pode levar-nos, todavia, a definir especificamente a noção de sujeito, ou do que for, dentro de um período de tempo determinado, pois são várias as reflexões construídas e reconstruídas, ou seja, é simplesmente a reflexão e a refração do humano dentro do mundo espelhado da linguagem: refletimos noções de pensamentos anteriores, bem como, por refração; ressignificamos, readaptamos, reconstruímos e redizemos essas mesmas noções, que é a parte da construção que nos cabe.

Apesar de não conseguirmos definir de modo fechado o sujeito em diferentes épocas, é possível traçar características dessa noção (re)construída em dado momento. No período do Renascimento, por exemplo, a noção de sujeito é atingida por um novo olhar do homem sobre si e o mundo, percebendo não mais como suficientes, os conhecimentos exteriores que fundam a sua existência, de modo que o homem começa a se questionar, isto é, reorientar seus questionamentos para si, mudando o foco do seu exterior para o seu interior.

Entretanto, apesar dessa tendência, ainda há pensamentos do medievo que atravessam esse período, assim como destacamos aqui pensamentos e pensadores medievais a frente na noção de sujeito. A recorrência à religiosidade, por exemplo, ainda era uma opção considerável quando não se conseguia explicar tudo pelo viés do científico, do humano ou mesmo na própria reflexão do homem sobre si e sobre a

---

<sup>4</sup> E também de sujeito psíquico, não citada amplamente aqui, que fora descartada por Agostinho de Hipona, uma vez que Tomás de Aquino concebia a alma como sujeito psíquico, fortemente influenciado por Aristóteles (SAVIAN FILHO, p. 192, 2015)



natureza, como Erasmo de Roterdão, filósofo do início do Renascimento, publicou:

A natureza, ao dar-vos um filho, vos presenteia com uma criatura rude, sem forma, a qual deveis moldar para que se converta em um homem de verdade. Se este ser moldado se descuidar, continuareis tendo um animal; se, ao contrário, ele se realizar com sabedoria, eu poderia quase dizer que resultaria em um ser semelhante a Deus” (ACKER, T.V, 1992, p. 32-33).

Portanto, pelo pensamento de Roterdão, a característica racional que distingue os homens de outros animais pode ser a mesma que nos aproxima de Deus, pensamento este que ainda guarda fortes laços com a religiosidade, mas também já apresenta uma orientação racional para posição do homem na natureza. Com as reflexões iluministas mais tarde, essa orientação reforçará seus laços com a ciência e a racionalidade, porém, não rompendo totalmente os da religiosidade e sim, ressignificando-os, dada a relevância do indivíduo na centralidade das discussões.

É nesse sentido do sujeito enquanto indivíduo que olha para si que Neuser (2011) destaca que renasce do período clássico para a Renascença as reflexões sobre o indivíduo, sobre o sujeito que pensa, uma vez que se questionava a fundamentação do conhecimento como exterior ao indivíduo. Segundo o autor, o indivíduo é tido como conceito central na Renascença, sendo desenvolvido ao longo desse período de modo que, cerca de final do século XVI, já se tem uma concepção mais clara sobre o indivíduo e bem estabelecida para idade moderna (NEUSER, 2011, p.26).

Mas, de que indivíduo estamos falando? Neuser (2011) discute especificamente na área pedagógica a partir de modelos de formação do indivíduo e o propõe na Renascença:

- a) A partir da visão luterana, com uma ligação mais religiosa, o indivíduo era educado para temer a Deus e não para desenvolver suas potencialidades enquanto indivíduo. Lutero entendia que o indivíduo era formado por duas instâncias: uma exterior, na qual a vontade humana poderia agir para transformar, e outra interior, concebida por graça divina e, portanto, mais difícil de ser transformada pelo homem. O indivíduo só consegue agir sobre o que lhe é exterior e, portanto, a sua própria formação, como advinda de outro homem, é exterior e pode ser reformada. A formação, todavia, atinge o indivíduo no seu interior. O homem precisa, dessa maneira, ter sua



formação fundamentada no <sup>5</sup>bem, pois uma má formação exterior pode levar o interior do indivíduo a ser atingido pelo mal. Por isso a importância de se ter em sociedade homens bem formados na fé divina, pois uma boa formação atinge o interior do homem.

- b) A partir de uma visão humanística, defendida por Erasmo de Roterdão, que é, inclusive, mais comum na Renascença, na qual o indivíduo é entendido a partir das habilidades que lhe são dadas pela natureza e pelas que ele produz pelo hábito ou exercício. A educação pueril é de grande importância, pois, quanto menores as crianças, mais moldáveis são em relação aos jovens. O bom caráter do indivíduo é construído pela força de bons hábitos e a formação do indivíduo é resultado da confluência de elementos da natureza, da instrução e da ação. Esse modelo de formação é defendido pelas obras de <sup>6</sup>Quintiliano e Plutarco.
- c) A partir de uma visão sobre a autorrealização do indivíduo, pensada por <sup>7</sup>Giovanni Pico della Mirandola, cuja centralidade está no homem e sua realização pessoal e, portanto, a formação deve existir para tornar o indivíduo um ser humano. A educação assume papel na formação do caráter do indivíduo e necessita de uma regra geral para formá-lo enquanto ser humano. Para Pico, o homem nasce indeterminado e é tarefa sua determinar-se, não cabendo essa responsabilidade a outrem, mas somente a si mesmo. A indeterminação é, conseqüentemente, própria da natureza humana e a formação do indivíduo, apesar de ser influenciada pelo exterior, é também de incumbência do próprio indivíduo.

Assim, ao fim do período renascentista, temos uma ideia de sujeito já bem formulada para a ideia moderna. A noção de indivíduo orienta uma volta ao olhar clássico, no qual o sujeito procura em si a fundamentação do conhecimento, tal como em filósofos clássicos como Sócrates, que a vislumbrava pelo autoconhecimento. Como perceberemos, o indivíduo transforma-se em sujeito na modernidade através dos estudos discursivos que, concomitantemente e sistematicamente, desenvolverão uma teorização do sujeito.

---

<sup>5</sup> A ideia de bem difere-se da socrática. Nesse caso, o bem está relacionado à ordem do divino e, em especial, do religioso, como sinônimo dos preceitos e vida repassados pela igreja fundada por Lutero.

<sup>6</sup> Vide Neuser (2011), A formação e o conceito do indivíduo na renascença, p. 27-28.

<sup>7</sup> Vide Neuser (2011), A formação e o conceito do indivíduo na renascença, p. 29-30.

## A ASCENSÃO DO SUJEITO MODERNO: PONTOS FILOSÓFICOS E ESTRUTURALISTAS

O movimento de reorientação do homem para si, o avanço e valorização do conhecimento científico e artístico, a consideração do homem e suas demandas formativas na religião e da educação vão direcionar para a perspectiva moderna de sujeito, fortalecida pelo iluminismo nos séculos XVII e XVIII.

Apesar de a concepção de sujeito em si ser fundada na modernidade, percebemos aqui que essa noção é antiga e vem se especificando ao longo dos diferentes contextos histórico-sociais. A modernidade caracteriza-se, entre outras formas, por uma atitude do homem de modo a se situar no mundo (da linguagem) como ser que pensa e age. A “frase inaugural” é a célebre *cogito ergo sum* de René Descartes (1973), que demonstra a ciência de que o ser só se conhece porque pensa. Assim, desse ponto, o sujeito aparece como peça-chave para o conhecimento nesse momento: o sujeito e sua subjetividade precisavam ser analisados, pois, era a partir deles que se conheciam todas as coisas.

Emmanuel Kant (1724-1804) contribuiu com a ideia de sujeito ao discutir que a consciência só lida com fenômenos, portanto, o real é a própria percepção da consciência humana, não existindo exteriormente, mas sendo refratado no interior do sujeito, a partir da sua percepção do real. Para Kant (1983), somos nós que criamos o real a partir do que percebemos pela consciência. Jean Jacques Rousseau (1712-1778) já não enfatiza a racionalidade, pois para o filósofo suíço, o sujeito é desprovido de razão e reflexão, cujo surgimento ocorrerá em sociedade.

Já no campo dos estudos da linguagem, percebe-se, no movimento estruturalista, que há um movimento de quase anulação ou de esfacelamento do sujeito, como diz Deleuze:

O estruturalismo não é absolutamente um pensamento que suprime o sujeito, mas um pensamento que o esmigalha e o distribui sistematicamente, que contesta a identidade do sujeito, que o dissipa e o faz passar de um lugar a outro, sujeito sempre nômade, feito de individualizações, mas impessoais, ou de singularidades, mas pré-individuais (DELEUZE, 2006, p. 245).

O sujeito, na lógica do estruturalismo, é sistematicamente apagado para dar espaço às reflexões sobre os fenômenos observáveis da língua/linguagem. Inclusive, no curso de linguística geral, Saussure (2006) considera que o indivíduo por si só não



é capaz de modificar o sistema linguístico, devendo submeter-se às regras do sistema, do pacto social que o criou.

Veremos, em seguida, que a noção de sujeito continua em um movimento de esfacelamento e esvaziamento, especialmente ao ser atravessado pelo aspecto ideológico.

## **O SUJEITO DISCUTIDO EPISTEMOLOGICAMENTE NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM: DE BAKHTIN A FOUCAULT.**

Já quase apagada na perspectiva estruturalista, a visão de sujeito autônomo e independente começa a perder força, especialmente com a noção dialógica de sujeito do russo Mikhail Bakhtin que entende o sujeito sendo formado a partir da relação com outro, uma vez que tudo que conhece chega à consciência não pela percepção autêntica e individual do sujeito, mas por meio da relação social, da interação com o outro em sociedade.

A posição de sujeito reflete uma imagem pouco visível, por assim dizer, da autonomia do que diz. Atravessado por discursos alheios e relações dialógicas (aceitação, negação, recusa, etc.), o sujeito nada mais é que o reflexo das relações e dos discursos que circulam em diferentes meios sociais. Para o filósofo: “Nosso próprio pensamento [...] nasce e forma-se em interação e em luta com o pensamento alheio, o que não pode deixar de refletir nas formas de expressão verbal do nosso pensamento”. (BAKHTIN, 1997, p. 317). Dessa maneira, entramos em constante luta pela autoria do que dizemos, atualizando o nosso discurso para em nada se fazer parecer com outro.

Por outro lado, temos o linguista Émile Benveniste que, em seus estudos, resgata o sujeito através da sua instância de subjetividade, entendida como “a capacidade de o locutor para se propor como sujeito” (BENVENISTE, 1991, p. 288). É sabido que Benveniste não se preocupa em fazer uma teoria do sujeito. Entretanto, o autor entende que é pela linguagem que o homem se vê como sujeito. É na figura do sujeito que o homem se encontra no mundo e marca seu lugar na linguagem, ou seja, é sendo sujeito que o homem consegue enxergar os reflexos, ainda que seja em imagem virtual, distorcida e exaustivamente refletida de si em relação aos outros reflexos. É a instauração da posição do homem no mundo de espelhos da linguagem.

Benveniste (1991) faz uma análise de pronomes para tratar da categoria de pessoa que define as pessoas do discurso. O autor coloca “eu” e “tu” como autênticos



em relação a ele (a não-pessoa). A união entre a primeira subjetiva (eu) e a segunda pessoa não subjetiva (tu, o outro) equivale ao “nós”, e para vós, não há uma união de “tus”, mostrando que só “eles” pode ser considerado um plural verdadeiro. “Eu” e “tu”, enquanto pessoas discursivas, só existem, no entanto, quando assumidas pelos falantes.

Saindo de Benveniste, que apesar do seu olhar sobre a subjetividade, não se aprofundou em analisar o sujeito e suas facetas, temos a continuidade do enfraquecimento da autonomia do sujeito, chegando ao status de um mero reprodutor de discursos alheios. Um lugar vazio que assim pensa Pêcheux (1995): “Podemos resumir, o que precede dizendo que, sob a evidência de que “eu sou realmente eu” [...], há o processo da interpelação-identificação que produz o sujeito no lugar deixado vazio”.

Essa visão imbrica inevitavelmente o aspecto ideológico. O sujeito, perpassado por discursos diversos, está envolto da ideologia que os recupera e atualiza a todo instante. Para Althusser (1992), o sujeito é afetado, por um lado, pelo inconsciente e, por outro, pela ideologia que não o permite uma unicidade e nem ser livre. Ainda considera que o indivíduo é interpelado pela ideologia para se tornar sujeito, mas que também sempre o foi, já que os homens vivem relações socioideológicas desde sempre, ou seja, a materialidade da ideologia como prática é fundante do sujeito e de seu assujeitamento.

Pêcheux, a partir de uma releitura de Althusser, considera a ideologia como materialidade concreta, mascarada e transparente para o sujeito, numa relação de dependência que o francês especifica a partir: 1) da formação do sentido, no qual a formação discursiva emerge em uma dada formação ideológica pelo estado da luta de classes, e 2) da dissimulação da formação discursiva pela transparência do sentido dentro da complexidade de formações discursivas em dada formação ideológica.

As formulações de Pêcheux sobre a relação das formações discursivas inseridas nas e constitutivas das ideológicas também nos remetem à Foucault e sobre a noção de sujeito percebida em sua análise da História. Foucault rejeita a ideia de sujeito como substância acabada e autossuficiente, bem como nem sempre é idêntica, pois quase sempre não há relação entre o sujeito que enuncia e o seu “autor” (FOUCAULT, 2008).

O sujeito, na visão foucaultiana, não está no sintagma linguístico e mesmo que



um enunciado não esteja em primeira pessoa, ainda possui sujeito. É simplória, portanto, a redução do sujeito a elementos gramaticais, pois este só pode ser desvendado a partir da análise das modalidades enunciativas que se preocupam sobre as seguintes questões: a) quem fala dentro do conjunto de vários sujeitos falantes? Qual é o titular dessa fala? Quem possui a singularidade desta fala e que lhe garante a presunção de valor de verdade? Qual status dos indivíduos que proferem o direito de proferir dado discurso? (FOUCAULT, 2008).

Nesse ponto da Arqueologia do Saber, Foucault utiliza o exemplo do discurso médico para modalizar e encadear diversas enunciações do mesmo campo, explicando que o discurso médico só pode ser proferido por quem possui o status de médico (sendo assim, o “sujeito-médico”), pois fala de um lugar institucionalmente reconhecido, de uma posição diferente em relação aos outros domínios.

O sujeito, por fim, acaba sendo afogado dentro de um emaranhado complexo de formações discursivas e ideológicas, no qual achar quem é responsável pelo princípio de certo discurso acaba sendo uma tarefa árdua, pois o que é dito toma espaço e reflete constantemente no mundo da linguagem, além de se materializar na forma do sujeito que o profere, mesmo este não sendo “autor” desse discurso.

## **O SUJEITO LACANIANO DA ANÁLISE DO DISCURSO E O SUJEITO PÊCHEUTIANO: APROXIMAÇÕES E DISPERÇÕES**

O desenvolvimento da Análise do Discurso (doravante AD), em especial a proposta por Pêcheux em 1969, e as reflexões e aprofundamentos da obra de Freud empreendidos por Lacan guardam pontos de aproximação importantes, entre os quais, a concepção de sujeito. No entanto, é preciso, de antemão, entender que não se trata univocamente do aspecto ideológico da luta de classes, cuja herança provém da obra Althusseriana da análise marxista e que afetou profundamente a obra de Pêcheux enquanto Thomas Herbert.

Lacan desenvolve, em seus <sup>8</sup>seminário 16 a 18, uma teorização sobre os quatro discursos que partem de lugares que visam explicar como se dão os laços sociais. Os discursos são tomados, portanto, como as formas mais genuínas de criarmos tais laços. Partindo desses lugares, nomeadamente: <sup>9</sup>o agente, o outro, a verdade e a

---

<sup>8</sup> Seminário 16: “de um grande outro a um pequeno outro”; seminário 17: “O avesso da psicanálise”; seminário 18: “De um discurso que não fosse semblante”;

<sup>9</sup> São considerados lugares fixos do discurso. Vale a recomendação de leitura do seminário 17 – o avesso da psicanálise - de Lacan para maiores aprofundamentos sobre esta matéria dos quais não serão





produção/perda, temos relações que partem da verdade para os demais, como representa o gráfico que se segue:



Figura 1: Os 4 discursos de Lacan

Fonte: Próprio autor, 2023.

As relações são entendidas de modo que, como se vê, não partem setas para a verdade e sim apenas partindo dela, o que indica que os discursos, nesse sentido, têm a verdade como uma base de sustentação. Mas, a que tanto serviu a análise de Lacan para AD? As relações discursivas para Lacan tratavam-se no âmbito do inconsciente, uma vez que os processos de interpelação discursiva tinham um fundo cultural na formação social dos indivíduos. Não era somente um processo de identificação, a qual se entende que as pessoas se unem por laços sociais que as assemelham e que as aproximam, mas também de interpelação. A intimação discursiva aos indivíduos para ocupar determinado lugar na conjuntura social seria, não somente ideológica, mas inconsciente. Seria situar um desejo. Lacan entende, no seu seminário 18, que “o inconsciente permite situar o desejo” (LACAN, p. 43, 1992), ao dissertar sobre o saber enquanto meio de gozo.

E o desejo já faz parte da nossa formação, como analisa o autor, desde o nascimento: somos frutos dos desejos dos nossos pais, da nossa formação cultural e social. Inconscientemente, portanto, somos sitaudos em um desejo que nunca foi próprio, de modo que somos levados à condição de sujeito a partir da nossa formação inconsciente de um desejo que nos é anterior, que é anterior aos nossos anteriores, e que nos coloca na cadeia complexa de laços sociais das relações humanas.

Mas como o discurso estaria vinculado ao desejo? E de que noção de discurso estamos falando? É preciso lembrar que as noções de discurso não se equivalem, até porque, trata-se de áreas distintas – estudos da AD e estudos da Psicanálise – sendo a

---

feitos aqui dada a especificidade do nosso trabalho. Uma consideração relevante, todavia, é o fato de Lacan subverter a lógica do significante de Saussure na relação das setas (Ou a rotação dos significantes) de modo a produzir os quatro discursos: do mestre, da universidade, da histórica, do analista, de modo que uma análise da obra lacaniana no que se refere á linguagem precisa levar em consideração a apropriação conveniente que Lacan faz dos conceitos saussurianos.



noção dos estudos da AD pêuchetiana, por exemplo, voltada para a relação do simbólico com a ideologia, enquanto que o discurso para Lacan pode ser entendido como o laço social, mencionado acima, criados, não simplesmente pela identificação por alguma coisa, mas pela rejeição e negação de algo. Esses “algo” e “alguma coisa” são reconhecidamente por Lacan como “o mal-estar” da obra de Freud de 1930.<sup>10</sup>

Fora dos aprofundamentos e reflexões psicanalíticas que Lacan faz da obra de Freud, dos quais não convém que se façam grandes elucidacões devido à particularidade da matéria, interessa-nos a relação com o inconsciente que o discurso possui sem sequer “ser percebido” pela consciência. Antes de o discurso funcionar e ao funcionar, portanto, “ele” é inconsciente, de modo que “isentar” o indivíduo da consciência da sua posição enquanto sujeito pareceu a forma mais adequada de pensar esse sujeito para a AD.

A condição do inconsciente pode ser entendida, dessa forma, como uma característica que aproxima o sujeito lacaniano das reflexões da AD e que o introduz nos estudos desta área. Outra noção que pode ser aproximada é a de linguagem, concebida como falha. Os acontecimentos de linguagem chistosos e atos falhos desvelam discretamente a impossibilidade do real. As falhas da língua/linguagem desvelam funcionamentos discursivos para Pêucheux.

Portanto, é na falha da linguagem, num escapar epilinguístico, num funcionamento inconsciente, que a posição de sujeito, do qual notadamente não interessa para o analista do discurso saber suas origens, mas seus (inter)discursos funcionantes, é interpretada e descrita na tentativa de vislumbrar a impossibilidade da verdade, do real, ou ainda; são nas sutilezas desses lapsos que se percebe a inconcretude do educar, do governar, do psicanalisar ou do fazer desejar.

Faz-se necessário uma diferenciação do sujeito lacaniano enquanto um lugar de sujeito que é ideológico da obra pêuchetiana:

O objetivo de Lacan é renovar a psicanálise e seu sujeito é aquele do inconsciente, aquilo que introduz para todo ser falante uma discordância com sua própria realidade. E o objetivo de Althusser é [...] renovar o marxismo e o materialismo histórico. [...] A referência à ideologia não tem as mesmas implicações que a referência à linguagem ou ao signo. Althusser não estava particularmente interessado pela linguagem e é aí que chegamos ao âmago daquilo

---

<sup>10</sup> Livro “O mal-estar na civilização” em que Freud discute profissões impossíveis, ou seja, ineficazes; entre as quais a de educar, governar e psicanalisar.

que tem de ver com Pêcheux: as relações entre a linguagem e a ideologia. (HENRY, 1997, p. 34).

O sujeito lacaniano está para o sujeito Foucaultiano assim como o de Althusser para o de Pêcheux. Entretanto, segundo Henry (1997), a aproximação com a negação ao estruturalismo é o elo que une todos eles. Todos fazem um movimento em contraposição ao estruturalismo, apesar de o estruturalismo ter sido, ainda assim, focalizado sobre a linguagem nas abordagens desses pensadores. (HENRY, 1997).

Tem-se, dessa forma, a questão da noção de sujeito em Pêcheux: a articulação entre o sujeito do inconsciente, que é tomado mais pelos seus efeitos do que propriamente pelo inconsciente (GADET; LÉON; MALDIDIER; PLON, 1997, p. 49) e o que é interpelado e pela ideologia, a partir da sua influência do Marxismo por Althusser. Pensar sobre o lugar do sujeito entre a linguagem e a ideologia sempre foi uma de suas preocupações de modo que o status de sujeito inconsciente foi importante para entender o aspecto ideológico no qual ele focalizou.

A referência aos efeitos de sujeito inconsciente deu-se, ainda, entre as entrelinhas: não existem citações da teoria freudiana ou lacaniana na obra *Análise Automática do Discurso* (doravante AAD) de Pêcheux, de modo que “nem Freud, nem Lacan figuram a bibliografia da AAD, e a psicanálise enquanto tal se encontra aí apenas furtivamente mencionada” (GADET; LÉON; MALDIDIER; PLON, 1997, p. 49).

Portanto, o sujeito pensado como construção da interpelação ideológico-discursiva tem a característica do inconsciente e a consideração da relação língua-linguagem como “ferramenta imperfeita” como dois laços comuns dos pensamentos de Lacan, no referente à Psicanálise, e Pêcheux, no que se refere à *Análise do Discurso*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A noção de sujeito ao longo do tempo revela-nos diferentes visões de como o homem enxerga o outro em diferentes momentos históricos e como a unicidade do sujeito veio perdendo força, com grande destaque, mais modernamente, ao contraste empreendido por Foucault em relação ao sujeito clássico de Sócrates, especialmente no que se refere à autonomia e busca pela fundamentação do conhecimento.

A noção de sujeito mudou significativamente ao longo da história, desvelando parte de formações discursivas engendradas em ideologias circulantes em cada época, mas, certamente, não restritas a um único domínio discursivo ou uma única ideologia,



como foi possível perceber pelo outro olhar sobre o Medievo mostrado aqui na visão do francês Alain De Libera.

Por fim, esse percurso da noção de sujeito através da história, apesar de restrito dentro de cada contexto histórico aqui abordado, oferece-nos uma progressão do sentido dessa categoria que, ainda que seja descontínua, desloca o sentido de sujeito de “um lugar preenchido pelo indivíduo” a “um espaço vazio ocupado discursivamente”, sentidos nos quais a noção dessa categoria passou e tem passado no mundo espelhado da linguagem.

## REFERÊNCIAS

- ACKER, T. V. Renascimento e Humanismo. São Paulo: **Atual**, p. 32-33, 1992.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1992. BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- BENVENISTE, Émile. **Da subjetividade na linguagem**. In: BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. 3. ed. São Paulo: Pontes, 1991.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. 3. ed. São Paulo: Pontes, 1991.
- DE LIBERA, Alain. **Archéologie du sujet**. Paris: Vrin. v. 1: Naissance du sujet, 2008.
- DELEUZE, Gilles. **Em que se pode reconhecer o estruturalismo?** In: DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta e outros textos**. São Paulo: Iluminuras, 2006. p. 220-250.
- DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. (Coleção Campo Teórico).
- GADET, F.; LÉON, J.; MALDIDIER, D.; PLON, M. Apresentação da conjuntura em linguística, em psicanálise e em informática aplicada ao estudo dos textos na França em 1969. In: **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Ed. Unicamp, SP, p. 39-60, 1997.
- HENRY, P. Os Fundamentos teóricos da Análise Automática do Discurso de Michel Pêcheux. In: **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Ed. Unicamp, SP, p. 13-38, 1997.



HOBUSS, João Francisco do Nascimento. **Introdução à História da Filosofia Antiga** [on- line]. Pelotas: NEPFIL on-line, 2014.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

LACAN, J. **O Seminário. Livro 18: de um discurso que não fosse semblante**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

LACAN, J. **O Seminário. Livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

MEDEIROS, Alexsandro Melo. A ética socrática. **Sabedoria política**. Disponível em: [https:// www.sabedoriapolitica.com.br/products/a-etica-socratica/](https://www.sabedoriapolitica.com.br/products/a-etica-socratica/). Acesso em: 14 jun. 2021.

NEUSER, Wolfgang. A formação e o conceito de indivíduo na Renascença. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 1, p. 25-32, jan./abr. 2011.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da Filosofia: Filosofia Pagã Antiga**. Tradução Ivo Storniolo. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2007. vol. 1, cap. IV, p. 90-121.

SANTOS, Trindade José. **Princípios: Revista de Filosofia**, v. 11, n. 15-16, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SAVIAN FILHO, Juvenal. Seria o sujeito uma criação medieval? *Revista Scielo: Trans/ Form/ Ação*, Marília, v. 38, n. 2, p. 175-204, maio/ago. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-31732015000200009>. Acesso em: 14 jun. 2021.

*Submetido em: 29/03/2023*

*Aceito em: 03/05/2023*